

## ÉTICA DO DESEJO – POLÍTICA DA PSICANÁLISE <sup>1</sup>

SILVIA WAINSTEIN

### ÉTICA DO DESEJO

A sedução atravessa a vida de todos nós, que fazemos parte, de forma voluntária ou involuntária, da nossa época. Isso é assim, na medida em que o imperativo atual está dirigido ao gozo, cujo efeito é o hedonismo, o individualismo, a coisificação, a degradação do saber, a homogeneização, efeitos que são atravessados pelo fundamentalismo, em qualquer um dos campos mencionados. Manifestações atuais despojadas da função da ética.

Trata-se de uma nova moral, imposta pelo poder dos Amos “modernos”. Uma moral que estabelece os princípios do bem e do mal. Seu êxito se deve a que as certezas que propagam oferecem aos seres humanos uma pacificação temporária, até a irrupção do real do mal-estar.

Lacan, em *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*, faz um reconhecimento explícito da abertura do desejo a uma alteridade da qual depende o sujeito para sua constituição como sujeito desejante. E isso vai no sentido contrário ao postulado do individualismo.

Do individualismo decorre tal desumanização, que sua dignidade não tem lugar. A psicanálise funda uma nova ética - ética do desejo - onde a falta é o motor.

É através das fendas do desejo que uma ética se torna presente, tanto em intensão quanto em extensão, que a psicanálise propõe e aponta sob a perspectiva da subversão do sujeito a oferecer outros caminhos que sulcam a via do desejo.

---

<sup>1</sup> Apresentado no VIII Congresso Internacional *Qual a ética para a prática psicanalítica na atualidade? Convergência, Movimento Lacaniano pela Psicanálise Freudiana*, Barcelona, 24-27 de maio de 2023.

Isso nos conduz, necessariamente, a revisar os fundamentos de uma transmissão para dar conta da nossa aposta ao porvir da psicanálise.

---

Uma pergunta que nos compele, enquanto analistas, a questionar nossa incidência na cultura que nos habita, cada vez que o Real irrompe como uma explosão que abala nossos modos de abordar o sujeito, enquanto objeto da psicanálise.

Não é qualquer sujeito. É o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo que, alienado nos gozos parasitários, apresenta-se – no melhor dos casos – a um analista cuja função, entre outras, será orientar seu destino para o horizonte do desejo.

Qual a ética? É uma pergunta acerca do nosso desencontro com o Real, no nosso lugar de analistas.

Os novos semblantes que, por ocasiões, geram em nós uma perplexidade tal que desenham outras dobras no discurso analisante, desafiam os analistas a lerem a letra que, sustentada em uma transferência, toca o real do inconsciente.

O fantasma do sujeito responde ao que irrompe do Real, abalando sua estrutura, de resposta ao desejo do Outro à resposta à demanda que o Real lhe exige. Nossa intervenção será eficaz se as cenas atuais se ligam à cena da vida, do vital, sustentadas em algum desejo. Não será sem o lugar que dermos ao desdobramento da palavra que, graças ao efeito de discurso, poderá recriar a cena, lugar onde o sujeito encontre sua verdade. A pequena verdade de cada um, se for escutada e lida nos dizeres dos analisandos, será propiciatória da construção da cena, sempre e quando não confundamos a cena transferencial com o enquadramento que em outra época era obrigatório levar em conta.

As resistências à psicanálise não são apenas dos discursos que, em cada época, emergem como verdade revelada. São inerentes a nossa própria práxis, tanto em intensão quanto em extensão.

Advertidos de um Real que nos interpela cada vez de outro modo, nossa pergunta é relativa ao “Saber fazer aí”. Sempre que levarmos em conta a ética própria e singular que cada analista sustenta e que aposta ao sujeito. Sua orientação não é sem a função

“desejo do analista”.

Há um traço distintivo no que diz respeito à função “desejo do analista”. Aponto isso porque se refere a uma posição sem a qual uma cura não produz a eficácia da emergência do sujeito. Essa função é solidária da ética da psicanálise, e sua pertinência resulta em uma posição tal que devém na práxis de um discurso e que tem como premissa um horizonte que implica o final de uma análise. É uma posição que acarreta a responsabilidade na direção de uma cura: introduzir o sujeito na ordem do desejo, que o analisando não ceda frente a seu desejo e o analista possa sustentar seu desejo de analisar.

Em *Radiofonia e televisão*, Lacan nos surpreende quando diz que o desejo do analista é um desejo decidido, marcando uma diferença taxativa com as modalidades do desejo do neurótico, insatisfeito, prevenido, procrastinado. Posições assimétricas que estão associadas ao aforismo “Não há relação sexual”.<sup>2</sup>

O desejo do analista é um desejo que resulta de um discurso inaugurado por Freud. Lacan, com a finalidade da transmissão do Real que está em jogo na experiência da análise, desenvolve a álgebra dos discursos que tematiza no Seminário *O avesso da psicanálise* e se manifesta no discurso do psicanalista.

No dispositivo analítico, o analista dirige a cura colocando-se no lugar de *semblant* do objeto que causa o desejo do analisando. Mas é um *semblant* que se diferencia porque o objeto *a* se apresenta sem o envoltório do fantasma, para que seja possível dar lugar ao mais-degozar que aliena o sujeito quando altera o enodamento dos registros RSI.

A ética do desejo é solidária do bem dizer do sujeito, já que se institui na articulação significante, a partir da relação do sujeito com o Outro. Lacan situa o desejo do analista como um desejo da diferença absoluta já que uma análise faz passar pelo bem dizer a singularidade dos modos de gozo de cada sujeito. Sublinho a singularidade em contraponto com os discursos sociais, políticos, bélicos que visam a homogeneização através do pensamento único, o fundamentalismo que consiste na obediência ao Amo.

---

<sup>2</sup> cf. Jacques Lacan. *Psicoanálisis: Radiofonía y televisión*. Barcelona: Anagrama, 1977.

As três paixões apontadas por Lacan, obturam o sujeito do desejo, já que a prevalência dos gozos que está em jogo em cada uma delas é de tal magnitude, que só permanece o recurso aos deuses escuros encarnados por figuras cujo motor é o poder que lhe outorga o outro do laço social. Para o analista, trata-se de poder se abster das três paixões de que fala Lacan: amor, ódio e ignorância. Sabemos como essas paixões afetam os corpos e evidenciam a relação de solidão com o gozo, apontando para fazer existir o Outro a custo da própria vida, em alguns casos.

Então, nesse contexto, que opção oferece a psicanálise? Como incide na cultura que nos habita e de que transmissão se trata?

Estas perguntas nos conduzem à segunda parte do título deste texto: *Política da psicanálise*.

## **POLÍTICA DA PSICANÁLISE**

O ponto de vista que vou assumir acerca deste título é a questão da transmissão implicada na política da psicanálise.

No *Encerramento do IX Congresso da Escola Freudiana de Paris* de 1978, Lacan propõe algo que é um apelo aos analistas para saírem da área de conforto.

“Tal como agora chego a pensar, a psicanálise é intransmissível. É bem chato. É bem chato que cada psicanalista seja forçado – pois é preciso que ele seja forçado – a reinventar a psicanálise.”<sup>3</sup>

Nesse mesmo discurso ele diz que:

“O sujeito se transmite a si mesmo e si mesmo pelo viés de seus sinais

---

<sup>3</sup> Jacques Lacan. Encerramento das jornadas “A transmissão”, *École Freudienne de Paris*, 9 de julho de 1978. –Inédito– Tradução de Carlos Ruiz para a *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. <sup>4</sup> *Ibidem*.

de identificação.”<sup>4</sup>

---

Hoje, nesta pós pandemia, a pertinência da pergunta acerca da ética tem vigência e grande importância. Não só devido aos efeitos que percebemos, mas devido aos discursos que impregnam o sujeito sob a forma de certezas que o alienam em um saber que vai contra toda formação e transmissão, já que seu estilo é o treinamento. Para as relações íntimas, para os papéis paternos, maternos, para as chamadas novas identidades sexuais, familiares e a lista é infinita. E... em alguns casos, para a figura do psicanalista que, padronizado pelo mimetismo a algum guru de cada uma das escolas que abundam pelo mundo afora, degradam o âmago do nosso ofício, tornando-o uma prática desvirtuada na sua essência.

Se a verdade diz de que forma o sujeito responde ao Real, esta articulação que Lacan propõe resolve a pergunta e também o questionamento, de duvidar quando alguém analisa, faz sua análise no âmbito das variantes que cada época nos oferece.

A marca do desejo do Outro permanece inacessível para o sujeito. Somente em uma análise será possível situar alguns traços. No entanto, essa marca não é um destino. Um sujeito, através de uma análise, pode assumir uma posição ativa frente a essa marca e fazer algo com isso.

A causa do desejo como traço de uma pegada produz transmissão. Essa marca traz singularidade e diferença. Afinal, isso constitui um estilo, essa série de marcas particulares com as quais o sujeito anda pela vida.

O sujeito é lançado a essa sorte que implicou a transmissão que recebeu de um desejo (o desejo de seus pais), um desejo do qual ele é o resultado e a consequência. Cada analista deve reinventar a maneira em que a psicanálise possa persistir com seus avanços e tropeços. Esse é o compromisso com a causa freudiana.

E em que consiste a “invenção” quando nos referimos à transmissão da psicanálise, tema que nos reúne na convergência de dizeres, que não aponta para a homogeneidade de ideias, ela nos enriquece por suas diferenças. Ela se relaciona com o saber inconsciente que lança fragmentos de real e é responsabilidade de cada analista colhê-los, se puder. A invenção é subsidiária do gozo da língua, da mulher barrada, de um saber não-todo, de um saber do inconsciente cujo achado é o desafio com o qual nos encontramos na nossa prática cotidiana.

Na psicanálise, é ensinado um saber que tenta não ser enciclopédico e a transmissão é a transmissão de um desejo. Um saber que tenta não ser enciclopédico é um saber atravessado pela falta, pela lógica da incompletude e não pela erudição acumulativa. É o que possibilita interrogar o que foi transmitido. No mesmo ato do ensino há uma ida e volta de saber.

De que desejo se trata na transmissão? Do desejo de quem ensina, do desejo do analista, do desejo de aquele que foi mordido pela psicanálise.

Para concluir, uma frase que escrevi na introdução de meu último livro:

“A melhor homenagem que podemos fazer aos nossos mestres da psicanálise é transmitir a nossa marca do legado recebido. É um modo de pensar a ética da transmissão, da qual nós somos responsáveis, que nos reconhecemos como analistas.”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Silvia Wainsztein. *Los tres tiempos del despertar*. Buenos Aires: EFBA, 2021.

